

**MIRADAS: ANÁLISES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DE GÊNERO NA TV ESCOLA**

Denise Bastos de Araujo¹

Resumo: Esse trabalho é o resultado das análises apresentadas na dissertação *Representações sociais de gênero na TV Escola: uma análise feminista* (2010), pesquisa quali-quantitativa que teve o propósito de identificar como as mulheres são representadas nos vídeos distribuídos pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC(2002) para 75 mil escolas públicas. O estudo é subsidiado pelo aporte teórico da crítica feminista. Seus resultados indicam que, embora haja avanços em relação ao aparecimento das mulheres nos vídeos nas temáticas da História do Brasil, elas ainda têm pouca visibilidade, muitas vezes são apresentadas no espaço privado e com pouca participação nos diálogos.

Palavras-chave: Mulheres. Representação. História. TV Escola. Feminismo

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de mostrar os resultados de minha pesquisa de mestrado, “Representações Sociais de Gênero na TV Escola: uma análise feminista” concluída em 2010, que objetivou analisar quali-quantitativamente uma amostra da Coleção DVD Escola. O critério de escolha foi o de maior locação da mídia disponível na videoteca do Instituto Anísio Teixeira - IAT², que elegeu o DVD 11. A pesquisa foi norteada pelos fundamentos epistemológicos das teorias feministas, e a amostra apresenta oito episódios³ voltados para os conteúdos da disciplina História do Brasil.

¹ Denise Bastos de Araújo é bióloga e professora da rede estadual de ensino, lotada na videoteca do Instituto Anísio Teixeira – IAT. Especialista em Metodologia e Prática de Ensino e outros Temas Transversais, mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher Gênero e Feminismo da UFBA, tendo sido orientada pela professora doutora Linda Rubim.

² O Instituto Anísio Teixeira é um Centro de Treinamento para Professores do Estado da Bahia.

³ “Essa gente brasileira”; “Questão social: caso de polícia”; “Canudos e Contestado: guerras de Deus e do Diabo”; “O puxa-encolhe da borracha”; “A era Vargas”; “Uma cidade se faz do sonho”; “No regime dos militares”; e “Da nova república ao real”.



O questionamento que me motivou a fazer essa pesquisa foi “como as mulheres são representadas nos vídeos didáticos produzidos pela TV Escola?”. Os resultados mostraram que, embora as mulheres estejam presentes na narrativa histórica, elas aparecem pouco, quase não são citadas, tecem poucos diálogos e, na maior parte das suas aparições, encontram-se dentro de casa, cuidando da família.

Com o permanente apelo para a utilização da mídia na prática pedagógica da sala de aula, a linguagem imagética não poderia deixar a escola de fora, por isso, livros, filmes, HQ e cartazes, quase sempre estão presentes no cotidiano dos estudantes. Pode-se afirmar que os vídeos trazem representações das relações de gênero, as quais podem exercer ação formativa porque “ensinam” modos de ser “de homem” e “de mulher”, até porque eles agregam valores relacionados a gênero, raça, geração e sexualidade (dentre outros), que podem contribuir para a formação das pessoas, em uma perspectiva conseqüente ou, lamentavelmente, de modo estereotipado e preconceituoso.

Não se pode negar que a escola tem responsabilidade na disseminação dos estereótipos de gênero; entretanto, a escola, hoje, não é mais o único espaço de formação. A mídia, principalmente a televisiva, tem papel relevante, porque transmite imagens que são inseridas, também, no espaço escolar através dos materiais didáticos. Diante do exposto, esse trabalho tenta intersectar as relações de gênero, escola e mídia. Por isso mesmo, nos chama atenção a advertência de Joan Ferrés (1996, p. 7) quando diz: “uma escola que não ensina como assistir a televisão é uma escola que não educa”.

As representações de homens e mulheres veiculados pela mídia se tornam modelos que são apreendidos pelas pessoas e, como existe uma complementaridade dos espaços múltiplos⁴ nos quais algum tipo de mídia está presente, os efeitos dessa aprendizagem podem ser potencializados. Por outro lado, a sociedade tem um princípio organizador, com invariável corte androcêntrico⁵ e heteronormativo⁶ nas suas práticas sociais, onde ambos têm caráter tanto individual como institucional.

A partir dessas considerações, proponho neste trabalho debruçar-me apenas na análise do banco de dados que foi criado para subsidiar as categorias de análise. Então,

⁴ Aqui se define espaços múltiplos como imagens na televisão, em revistas, livros didáticos, filmes, *internet*, dentre outros.

⁵ Diz-se do ponto de vista masculino para as elaborações teóricas sobre o funcionamento da sociedade, enfoque de estudo, análise ou investigação unicamente sob a perspectiva masculina e utilização posterior dos resultados como válidos para todos os indivíduos, homens e mulheres. Este enfoque unilateral é levado a cabo, sistematicamente, pelos cientistas e tem deformado campos da ciência tão importantes como História, Etnologia, Antropologia, Medicina, Psicologia dentre outras. (MORENO, 1987, p. 23).

⁶ Conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. (Miskalci, 2009).

ao considerar os oito episódios do DVD 11, pude quantificar os nomes próprios enunciados, o número de diálogos das dramatizações e de crianças e adolescentes, bem como comuniquei o tempo de exposição dos personagens. Além disso, identifiquei os locais de atuação das mulheres, as referências de atividades e ocupações, o modelo familiar e sexualidades, concluindo com as condições de produção dos programas.

GÊNERO: DO CONCEITO ÀS REPRESENTAÇÕES

O conceito de gênero baseado nas duas premissas de Scott (1990) – “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”; e “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” –, pode apontar para um caminho que leve à compreensão das relações de poder entre homens e mulheres resultantes de um imaginário que concebe características distintas e oponentes e no qual a mulher se encontra em desvantagem.

Ainda sobre esse conceito é importante ressaltar que os campos desses estudos ainda vêm se construindo e por isso é imprescindível que se foque, também, as contribuições de feministas pós-modernas, que indicam os deslocamentos do conceito, que se amplia e passa a ser mais plural na medida em que reconhece a necessidade de contemplar “todas as mulheres”⁷, com suas variações de classe social, raça/etnia, geração e orientação sexual. O pós-estruturalismo dos anos 1980 norteou esse novo percurso, que desarticula o modelo da heterossexualidade compulsória, ao desconstruir o próprio conceito de gênero (BUTLER, 2003).

Contudo, ambas as posições, embora contraditórias, têm o propósito de deslindar os processos da conformação do mundo, notadamente prenhe de sexismos. Dessa forma, a diferença dita sexual nasce de uma diferença biológica mínima que serve de argumento para uma prática discursiva hegemônica. Butler (2003, p. 24-25) argumenta que se só existem dois sexos (macho e fêmea), quem pode garantir que machos produzam sempre a conformação dos papéis masculinos e mulheres os papéis femininos? Ao normalizar a heterossexualidade, a sociedade cria modelos hegemônicos nos quais não cabem outras expressões da sexualidade.

A crítica feminista aponta o “viés androcêntrico” (LIMA E SOUZA, 2002) da ciência quando passa a investigar os instrumentos de formação ideológica utilizados

⁷ Em um primeiro momento, Donna Haraway faz uma crítica ao conceito de gênero por não historicizar sexo e natureza e considerando que obscurece as demais categorias: raça, classe, nacionalidade e outras. Essas considerações coincidem com as reivindicações de mulheres negras do Terceiro Mundo e de mulheres lésbicas. (PISCITELLI, 2002, p. 24-25).

pelas classes dominantes para introduzir no imaginário das pessoas seus próprios conceitos. As identificações do que é “feminino” e do que é “masculino”, ao serem disseminadas pelos discursos, muitas vezes produzem retratos sociais caricatos, que se repetem e se naturalizam. Lauretis (1994, p. 211) aponta que “embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema sexo/gênero⁸ está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade”.

A partir dos estudos de Foucault (1979, p. 183) sobre o poder, foi possível gerar discussões sobre essas relações, tomando a seguinte premissa:

O poder deve ser analisado como algo que circula [...] nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação.

Os pressupostos referentes às relações de poder são inseridos nas dinâmicas das relações de gênero por feministas como Heleieth Saffioti (1992, p. 184) que, ao se referir à posição das mulheres conclui que “sua subalternidade [...] não significa ausência absoluta de poder”, sugerindo a dinâmica poder *versus* resistência. Dessa forma, essa mesma autora aponta que “Em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina”. Roberto Reis (1992, p. 69) contribui para esse contexto, quando implica as relações entre poder e saber:

Todo saber é produzido a partir de determinadas condições históricas e ideológicas que constituem o solo do qual esse saber emerge. Toda interpretação é feita a partir de uma dada posição social, de classe, institucional. É muito difícil que um saber esteja desvinculado do poder.

Nesse caso, os homens produziram os saberes sobre a sexualidade e para isso utilizaram um dos campos propícios para o exercício do poder: a ciência. O argumento feminista de contraponto ao discurso da ciência hegemônica diz: “a observação científica não é neutra ou inocente” (LIMA e SOUSA 2002, p. 77). Essa afirmativa indica que há uma implicação do autor, o que contraria os paradigmas da ciência moderna⁹. Ao incluir outro ponto de vista nas ciências, as feministas se posicionam

⁸ Termo utilizado por Gayle Rubin em *O tráfico de mulheres: notas sobre a 'Economia Política' do sexo*. Tradução Edith Piza com supervisão de Heleieth Saffioti. Campinas, 1998.

⁹ Considerando ciência moderna aquela cujos princípios apontam para uma neutralidade científica, que prega a existência da verdade única e imutável e que tomou o genérico homem para definir

politicamente. Para Louro (1997, p. 25) o estado, a família, a escola e, muito mais, as mídias são tomadas como as “instituições que fabricam o sujeito”.

Nesse sentido, Sabat (2005, p. 4, grifo nosso), ao analisar os filmes infantis, adverte: “[...] se torna importante estarmos atentas/os para as formas através das quais as representações de gênero têm sido reafirmadas na sociedade ocidental contemporânea, contribuindo para **educar sujeitos e normalizar condutas**”.

Louro (1997, p. 19) afirma que, perceber esse arranjo e buscar desarticulá-lo através do discurso foi um dos ganhos mais significativos dos Estudos Feministas, por seu caráter político. Dois processos históricos definiram esse arranjo, o androcentrismo e o patriarcado¹⁰. Ambos veem, apenas o ponto de vista masculino na construção do conhecimento. Dessa forma, o discurso da lógica científica atuou para eleger o homem como o protótipo da raça humana.

Para Foucault (1979, p. 12-13), a relação de poder vai ser exercida a partir da configuração de um saber que tem como subsídio a “verdade”. Dessa forma, os discursos são elaborados e tomados, em geral, por homens brancos, ocidentais, heterossexuais, proprietários, acadêmicos, nascidos no Hemisfério Norte que elegem determinados fatos para serem registrados, os quais se estabelecem como verdades.

Em nossa sociedade, o nome representa a maneira mais utilizada para identificar as pessoas. Nessa perspectiva, foram identificados os nomes próprios existentes no DVD 11 com o propósito de analisar qual a proporção de personagens homens e mulheres representados na amostra. Os resultados aparecem na Tabela 1:

Tabela 1 – Quantificação dos nomes próprios dos personagens nomeados no DVD 11 da coleção TV Escola

NOMES	EPISÓDIOS								Total
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	
Masculinos	14	06	19	02	11	09	24	08	93
Femininos	01	01	01	–	02	01	03	03	11
Total	15	07	20	02	13	10	27	11	104

humanidade, utilizando para isso o discurso hegemônico que afetou não só as mulheres como também outras minorias, tais como negros(as), indígenas, homossexuais, idosos(as).

¹⁰ Ver Costa (2005, p. 4): “Patriarcado é organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio público. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino dominante (arquétipo viril)”.

Como podemos observar na Tabela 1, aparecem 104 nomes próprios, dos quais apenas 11 são de mulheres. Além da escassez da nomeação feminina, chama-nos a atenção a ausência de nomes de mulheres que contribuíram, efetivamente, para a construção do país e do movimento emancipatório feminista que estão localizados, principalmente, nos dois últimos episódios (E7 e E8). Eles tratam dos anos referentes às décadas de 1960 a 2000, quando os movimentos feministas mostraram que as mulheres poderiam atuar no mundo *pari passu* com os homens.

Seguindo com mais algumas considerações sobre “o quanto” as mulheres aparecem nos oito episódios, é importante mensurar o tempo de exposição de personagens. Como gênero é uma categoria relacional, a Tabela 2 destaca o tempo total de exposição de homens e de mulheres apenas das dramatizações, na perspectiva de mostrar mais claramente as diferenças das duas categorias.

Tabela 2 – Totalização do tempo de exposição de homens e mulheres nos oito episódios do DVD 11 da coleção TV Escola

CATEGORIA	TEMPO	%
Homem ou homens	47'57"	88
Mulher ou mulheres	6'36"	12

Ao observar os valores totais revelados pela Tabela 3, vemos que o tempo destinado à apresentação das mulheres representa apenas 12% do tempo destinado à apresentação dos homens no DVD 11 objeto da pesquisa.

Assim, como ficou demonstrado, a disparidade temporal é uma constante em todos os episódios. Scott (1992, p. 38-9) aponta que:

*Las investigaciones recientes han mostrado, no que las mujeres fuesen inactivas o estuviesen ausentes em los acontecimientos históricos, sino que fueron sistemáticamente omitidas de los registros oficiales. Al hacer una evaluación acerca de lo que es esencial, de lo más sobresaliente del pasado para nuestro presente, rara vez se menciona a las mujeres como individuos o como grupo definible.*¹¹

Sabe-se que as mulheres nunca estiveram presentes nos relatos escritos, salvo algumas exceções, quando chegaram a se vestir de homens para lutar, como aconteceu com Maria Quitéria e Joana Angélica, mulheres brasileiras com comportamento atípico

¹¹ Tradução livre: “Pesquisas recentes mostraram, não que as mulheres foram mortas ou estavam ausentes dos acontecimentos históricos, mas foram sistematicamente omitidas dos registros oficiais. Fazendo uma avaliação sobre o que é essencial, do que mais sobressai do passado para o presente, raras vezes se menciona as mulheres como indivíduos ou como grupo definido”.

(SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 97). Somente a partir da condição de transvestidos é que guerreiras passaram a existir nos relatos históricos.

O primeiro episódio da série, “Essa gente brasileira”, trata da formação do povo brasileiro e assim tenta mostrar as várias etnias. Aparecem negros, índios e brancos, especificamente mostrando o processo de imigração. No vídeo só aparecem representações de mulheres negras e brancas, mas não aparecem as demais identidades alemã, italiana, japonesa, portuguesa e indígena no feminino. As mulheres são subsumidas em uma narrativa que tem os homens como seus atores centrais. O androcentrismo na história parece estar relacionado com o ensino da disciplina e diretamente ligado às narrativas das conquistas, com marcos de importância que dizem respeito às escolhas e vitórias que fazem parte do mundo masculino. Na análise da ausência das mulheres nos livros didáticos Ângela Ferreira (2005, p. 9) aponta:

Pode-se perceber, enfim, que a pressão política e social dos movimentos de mulheres acaba por produzir a noção ‘politicamente correta’ ou ‘moderna’ da necessidade de introduzir a temática feminina nos materiais didáticos. Mas a forma pela qual essa apresentação ocorre indica que a constituição da seqüência canônica dos conteúdos, com raízes no século XIX, compõe um núcleo pouco permeável de informações/conhecimentos, sobre a qual as ‘modernizações’ acabam por gerar apêndices, e não uma transformação intrínseca ao modo de selecionar conteúdos e contar a História do Brasil.

O desconforto das afirmações em relação à ausência das mulheres na história e que foram citadas nesse capítulo por feministas, tais como Moreno (1987), Scott (1990; 1992), Soihet (2007) e Perrot (2007) incita para que novas pesquisas sejam desenvolvidas no campo da historiografia com o propósito de trazer as mulheres participantes da história, bem como de corrigir certas falas masculinas sobre as mulheres.

A identificação dos locais onde a mulher aparece nos vídeos é importante porque, a partir do conceito de gênero, se pode compreender que relacionar cada sexo a um espaço específico resultou em determinar o *status* de homem e de mulher. A presença das mulheres nos vídeos varia entre os espaços públicos e o privado.

A partir dos movimentos feministas, principalmente os da “segunda onda”¹², as fronteiras referentes aos espaços de atuação passaram a ser questionadas.

¹² Movimento iniciado na década de 1960, que busca construções teóricas, além de preocupações sociais e políticas. Esse novo feminismo se expressa através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos e da produção de livros. É quando se disseminam, entre outros, os clássicos *O segundo sexo*, *A mística feminina* e *Políticas sexuais*, respectivamente de Simone de Beauvoir, Betty Friedman e Kate Millet. (LOURO, 1997, p. 15-16).

Habitualmente, ainda se pratica a convenção de que a casa, o cuidado com as crianças e o serviço doméstico são domínios relacionados às mulheres.

Hoje, mesmo sabendo que as mulheres vêm conquistando posições no espaço público, que há um novo *status* relacionado à sua posição econômica na família e que novos modelos de família despontam o imaginário social ainda associa as mulheres aos espaços da casa, da reprodução e ao cuidado das crianças e adultos. Isso se dá, provavelmente, pelo fato de existir uma subjetividade inscrita tão fortemente nas mentalidades¹³, relativa a esse modo de organização social. Para identificar o local onde as mulheres transitam e quais suas ações nesses locais, foi necessário agrupar espaços de ação similares conforme as categorias apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Local* de atuação das mulheres quantificado a partir do número de vezes em que elas aparecem no DVD 11 da coleção TV Escola.

ESPAÇOS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Total
1. Dentro de casa	2	1	3	2	--	4	21	17	50
2. do sagrado	2	–	4	–	–	–	–	–	06
3. da via pública (rural ou urbana)	1	1	5	–	4	6	–	6	23
4. do comércio	–	–	–	1	–	–	–	–	01
5. de alimentação	–	–	–	2	7	1	1	–	11
6. da expressão da cultura	2	–	–	2	1	–	–	–	05
7. do saber e do político	2	–	–	–	–	–	4	8	14
8. do trabalho	1	1	2	–	1	3	3	2	13
9. de exclusão da liberdade	–	–	–	–	–	–	1	–	1
Total	10	03	14	07	13	14	30	33	124

* Categorização de espaços: 1. Dentro de casa. 2. Espaço do sagrado: igreja, terreiro de candomblé, gruta onde portavozes do beato se manifestam. 3. Via pública urbana ou rural e acampamento dos sem terra. 4. Espaço de comércio: loja de penhores. 5. Espaço de alimentação: bar, botequim ou restaurante. 6. Espaço da expressão da cultura: museu e teatro. 7. Espaço do saber e do político: auditório para conferência, diretório acadêmico, escola. 8. Espaço de trabalho: residência, fazenda, fábrica, escola, estúdio de TV, redação de jornal. 9. Espaço de exclusão: prisão.

Na Tabela 3, está colocado em destaque o dado mais expressivo sobre o local onde encontramos as mulheres. Isso fica evidenciado, particularmente, nos dois últimos episódios, que representam as décadas de 1960 a 2000, determinantes para o processo emancipatório das mulheres. Neles, as mulheres aparecem mais vezes nos espaços tomados como referência da intimidade, do cuidado com as crianças e do serviço

¹³ Braudel (1959; 1992) classificou as mentalidades como pertencentes ao ritmo de longa duração, por refletirem o campo das estruturas mentais que envolvem crenças e valores, atributos que requerem mais tempo do que outros para evoluir ou se modificar.

doméstico, justamente no período em que se instala a “segunda onda” do feminismo e que se verifica o aumento do número de mulheres na escola, no ensino universitário e de pós-graduação, além da conquista de maiores liberdades sexuais, com a expansão da pílula anticoncepcional. Em função dessas razões, é inquietante constatar que, em E7 e E8, episódios que representam esses 40 anos de lutas *da e pela* mulher, a análise quantitativa aponta, que o percentual em que a mulher aparece dentro de casa é de 76% em relação aos demais períodos. Tal percepção leva a crer que, nesses vídeos, ocorre uma atualização dos pressupostos patriarcais, pois, ao mesmo tempo em que não nega a presença das mulheres, realiza uma emancipação a medias: a mulher continua subsumida ao espaço do privado e/ou do público, de forma restrita, não toda.

Outra consideração referente aos vídeos é o fato de os homens aparecerem junto com as mulheres, sempre que essas são representadas no espaço privado. Isso pode significar que a condução da história, por ser androcêntrica, insere o espaço privado como forma de mostrar a totalidade da *vita activa*¹⁴ masculina. Então, o espaço doméstico aparece como complementar, explicitamente da vida dos homens.

Há ainda outra consideração sobre a inserção das mulheres nos relatos: sua presença pode significar a tentativa de fazer “desaparecer a fronteira entre público e privado”. Joan Kelly (apud LAURETIS, 1994, p. 215) chama a atenção para essa questão quando observa que, se as feministas aceitam que “o pessoal é político¹⁵”, não há como afirmar que existe uma esfera da família, da sexualidade e afetividade e outra do trabalho e da produtividade. Para essa autora, são duas ordens operando simultaneamente: uma sexual e outra econômica, de forma que a ideologia de gênero identifica o “lugar da mulher”.

Na tentativa de dimensionar com quem as mulheres falam, foram observados todos os diálogos registrados nos episódios do DVD 11. Na Tabela 4, esses diálogos foram condensados, incluindo aqueles entre os homens, entre as mulheres e, também, entre os homens e as mulheres.

¹⁴ Segundo Hannah Arendt (1997), em *A condição humana*, a expressão *vita activa* designa as três dimensões da condição humana na Terra: o labor, o trabalho e a ação. O labor está associado ao processo biológico, ao ciclo da vida. O trabalho é a construção do mundo artificial das coisas, é a condição de permanência da existência do homem sobre a Terra. A ação é a condição do homem ao estar com os outros, pensar, fazer a construção da história.

¹⁵ Ver SARDENBERG, 2004, p. 14-40.

Tabela 4 – Quantificação de diálogos nas dramatizações dos oito episódios da coleção DVD Escola

DIÁLOGOS	EP1	EP2	EP3	EP4	EP5	EP6	EP7	EP8
Apenas entre os homens	13	15	19	11	9	8	11	12
Apenas entre as mulheres ¹	–	–	01	–	–	–	–	01
Entre homens e mulheres	4	3	7	5	13	11	21	17
Total	17	18	27	16	22	19	32	30

1 – Considerando diálogos entre mulheres apenas quando as personagens estão em ambiente onde não existe outro sexo.

A Tabela 4 indica que, em todos os episódios, as mulheres estão presentes através de diálogos, mas é a partir de a “A era Vargas” (E5) que elas começam a falar mais. Se esses dados significam um aumento quantitativo na representação das mulheres, o que se constitui um avanço, por que então só existe um diálogo entre as mulheres?

Considerando a divisão sexual do trabalho, foi possível identificar as ocupações desenvolvidas por cada um dos sexos. Dessa forma, tanto através de referências dos relatos como também pela percepção visual que engloba ocupações e títulos¹⁶ dados aos personagens, foi possível quantificá-los e apresentá-los na Tabela 5.

Tabela 5 – Referências relativas às ocupações percebidas para homens e mulheres nos episódios do DVD 11

REFERÊNCIAS A ATIVIDADES OU A PROFISSÕES	QUANTIDADE
Homens	65
Mulheres	15

Na Tabela 5, está clara a diferença numérica entre as atividades e/ou profissões de homens e mulheres. Além disso, a qualidade das atividades denuncia como as mulheres estão representadas em *status* inferior, principalmente, quando se considera os cargos públicos e títulos enunciados. Como a maioria dos homens está em posição privilegiada, eles se apresentam com poder econômico elevado, ou seja, estão muitas vezes na posição de proprietários, em funções socialmente elevadas ou como detentores de títulos.

¹⁶ Os seis primeiros listados: 1. Advogado 2. Agricultor/Cafeicultor 3. Artista 4. Ativista político 5. Arcebispo 6. Barão. A relação completa encontra-se no Apêndice B.

Na mídia em estudo, a expressão do trabalho das mulheres negras e brancas, que estão distribuídas na Tabela 6, de acordo com os episódios em que elas aparecem.

Tabela 6 – Distribuição de mulheres negras e brancas em situação de trabalho remunerado nos episódios do DVD 11

MULHERES	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Total
Negras	2	1	1	–	–	2	4	2	12
Branças	1	–	1	–	1	1	1	1	6

Como aqui o propósito é mostrar as situações de trabalho, apenas dezoito mulheres são registradas. As cinco mulheres que aparecem ou se declaram empregadas domésticas, e que estão nos episódios 1, 6, 7 e 8, com duas de suas representações no Episódio 7, são todas elas negras.

Observa-se também que a representação da maternidade está associada ao aparecimento sistemático de crianças acompanhadas por mulheres. Essa conformação tem sido recorrente na contemporaneidade e, em um dos estudos mais significativos sobre o assunto, Elizabeth Badinter (1985) mostra a diversidade de modelos de maternagem, discute o amor materno em vários momentos históricos fazendo uma retrospectiva, principalmente, dos séculos XVII e XVIII, para mostrar que essa relação também se mostra como uma construção motivada por situações específicas.

Gênero, etnia, classe social e geração são variantes da produção da maternidade nos vários episódios, excetuando-se os episódios E5 e E6 onde não existem essas representações. Apesar de existirem 31 cenas onde aparece a relação de maternidade, foram identificadas apenas 14 crianças. Dentre essas, 11 são meninos e 3, meninas. Suas representações estão distribuídas na Tabela 7.

Tabela 7 – Identificação de crianças e adolescentes nos episódios do DVD 11

CRIANÇAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Total
Menino	01	01	02	01	–	–	01	05	11
Menina	–	–	–	–	–	–	01	02	03

A Tabela 7 apresenta a mesma tendência da composição do vídeo em relação à ausência das mulheres nos programas, que se reafirma ao mostrar apenas três meninas nos oito episódios.

Nos episódios “A era Vargas” e “Uma cidade se faz do sonho”, há a inserção de um homossexual masculino. Ele aparece com o corpo anatômico presumivelmente de homem, embora com roupas bordadas com lantejoulas. O personagem se coloca em cena, diametralmente, entre o homem e a mulher com os quais contracenava. Os trejeitos corporais somados à voz indecisa, que foge ao tradicional, reforçam o estereótipo gay. Suas intervenções no diálogo estão sempre reafirmando o posicionamento político da mulher, que se contrapõe aos do homem. O homossexual tem aparência efeminada e caricata, expressando o estereótipo que induz ao deboche.

A equipe técnica do DVD 11 tem a direção de um homem, mas ela é mista, formada por cinco homens e nove mulheres que ocupam dezessete funções, sendo que quatro desses profissionais, um homem e três mulheres, acumulam atividades em funções distintas. O fato de a equipe técnica ser formada por homens e mulheres pode significar um enorme ganho, considerando que, em um passado bem recente, esses grupos técnicos tinham quase que unicamente a participação masculina nos cargos mais representativos.

Isso chama a atenção para o discurso da trajetória feminista que alerta, justamente, para que as mulheres percebam o quanto e como elas são desprestigiadas socialmente. Essa consciência de suas próprias capacidades, de compreender-se como sujeito no mundo, com competência para adquirir sua autonomia plena de direitos e com dignidade, constroem a consciência de gênero. Se não existe essa consciência, as mulheres tendem a pensar de forma androcêntrica, repetindo a história dos homens (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 84-85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito dessa pesquisa foi investir, prioritariamente, no processo educativo/formativo trazido pelos vídeos com a intenção de responder ao questionamento de “como as mulheres são representadas nos vídeos produzidos pela TV Escola”. Não somente os materiais didáticos, mas também a televisão, a publicidade, as letras das músicas e o cinema são fontes recorrentes de produção de discursos que contribuem para o aprendizado de ser mulher e de ser homem.

O material analisado aponta avanços na narrativa das questões étnico-raciais ao dar voz aos excluídos e eleger os movimentos sociais como capazes de promover a luta democrática de suas instituições de classe, além disso, o vídeo mostra uma identidade cuja sexualidade está fora do padrão heteronormativo.

Existe uma ambiguidade em relação à presença/ausência das mulheres no DVD. Se por um lado, os relatos da História do Brasil, em geral, não trazem à cena o espaço privado/doméstico/ação feminina, por outro lado, elas são inseridas na narrativa da TV Escola de forma incipiente.

A ausência das mulheres é reafirmada pelo banco de dados que mostra o exíguo tempo de suas aparições, pela ausência dos seus nomes próprios, além dos poucos diálogos entre homens e mulheres, culminando com a falta quase total de diálogos entre elas próprias. Isso significa dizer que, embora as mulheres estejam presentes em todos os episódios, ora mais, ora menos, de uma forma geral, elas não representam a ação do sujeito, suas presenças são limitadas aos marcos e às lideranças masculinas.

Quando se observa o local onde as mulheres aparecem, suas inserções são consequência da inclusão do espaço privado nos vídeos. Dessa forma, embora elas habitem variados espaços na trama, estão sempre acompanhadas por homens e aparecem mais dentro de casa, principalmente, nos dois últimos episódios.

Em relação à situação de trabalho, as mulheres são pouco referenciadas em suas profissões/atividades e quando as mulheres negras aparecem, cinco delas estão associadas ao trabalho doméstico remunerado. Embora o serviço doméstico seja uma das grandes questões trazidas pela crítica feminista, o fato de a sua execução quase não aparecer como segunda jornada de trabalho indica que a tarefa invisível de cuidar dos outros insiste em tentar manter a organização gendrada definidora de espaços e atividades.

A família está sempre representada no formato tradicional, composta por pai, mãe e filho(s)/a(s), ignorando assim, a variedade de arranjos possíveis na sociedade. Quando as crianças aparecem, estão vinculadas sempre à presença das mulheres, mães ou não, o que significa dizer que a maternagem é reafirmada como a única forma de cuidar de meninos e meninas, e mantém o modelo de paternidade participativa ausente ou talvez fora da visibilidade.

A escola parece ser um lugar fértil para as transformações das práticas sociais, como foi aqui apontado por parte dos(as) autores(as) referenciados(as). Essas convicções são procedentes porque a escola e a mídia podem ser, respectivamente, lugar e instrumento para as possíveis transformações das relações de gênero.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação a Distância. MEC011. *Produção da TV Escola/MEC*. Brasil, 2002. 1 DVD 11 (139' 57"), son., colorido.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. 2005. Disponível em: <http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2009.

FAGUNDES, Tereza Cristina. *Mulher e pedagogia: um vínculo re-significado*. Salvador: Helvécia, 2005.

FERREIRA, Angela Ribeiro. História das mulheres no ensino de História do Brasil: análise das abordagens do livro didático. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL HISTÓRIA: *Guerra e Paz*, 2005, Londrina: Mídia, 2005. :

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, Introdução, Revisão Técnica Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA E SOUZA, Ângela. O viés androcêntrico da Biologia. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília (Orgs.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 77-88.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORENO, Amparo. El arquetipo viril protagonista de la historia: ejercicios de lectura no androcéntrico. *Cuadernos Inacabados*. Barcelona: La Sal, 1987.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PESQUISA revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais. *Folha Online*. Educação, 24 jul. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u599698.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Mezan. (Org.) *Textos Didáticos, nº 48: a prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas-SP, IFCH/UNICAMP, p. 7-42, nov. 2002.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, Luis José. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago/Biblioteca Pierre Menard, 1992.

RUBIN, Gayle. “O tráfico de mulheres. Notas sobre a ‘Economia Política’ do sexo”. *Cadernos Pagu*, n. 21, pp. 1 a 64, 2003.

SABAT, Ruth. Imagens de gênero e produção de cultura. In: FUNCK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. (Orgs.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 93-118.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fund. Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SARDENBERG, Cecília. Estudos feministas: um esboço crítico. In: GURGEL, Célia (Org.). *Teoria e práxis dos enfoques de gênero*. Salvador: REDOR-NEFIG, p. 14-40. 2004.

SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida; BINGHEMER, M. Clara (Orgs.). *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Loyola, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução SOS: Corpo e Cidadania. *Revista Educação e Realidade*, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

SCOTT, Joan. El problema da invisibilidade. In: ESCANDON, Carmem Ramos (Org.). *Gênero e história: la historiografía sobre la mujer*. México: Instituto Mora, 1992.

SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.